

Como é que se escreve: tudo junto ou separado?*

“É junto ou separado?” Essa é a pergunta que meu filho faz quando tem dúvida de como deve escrever alguma palavra. Dentre as palavras que suscitam essa dúvida, estão aquelas que começam com “o”, como em “obrigado”, e “com”, como em “comprar”. A dúvida não é generalizada e se restringe às palavras com essas sílabas iniciais. Como ele está no terceiro ano do Ensino Fundamental, essa dúvida ortográfica é esperada e pode ser considerada normal no processo de alfabetização. Por vezes, ele acerta; por vezes, ele erra a grafia das mesmas palavras. Essa flutuação indica que ele ainda não aprendeu todas as convenções ortográficas, mas que já aprendeu que existem “o, com” que ficam entre espaços em branco, como em “o moleque”, “com pressa”, e são diferentes daqueles “o, com” que fazem parte do início de palavras.

Como resolver essa dúvida? Com muito trabalho da escola e dos pais que são os responsáveis por levar às crianças ao mundo da escrita e, nesse caso, ao domínio das convenções ortográficas. E que tipo de trabalho é esse? É um trabalho constante de refletir e explicar como se fala e como se escreve em sociedade, pois ninguém pode escrever ou falar do seu modo. Sempre falamos e escrevemos com o outro e para o outro (mesmo quando escrevemos um diário!), independentemente de a outra pessoa estar presente fisicamente.

Assim, é preciso explicar que falamos tudo junto “omoleque”, “compressa”, mas que na escrita não se escreve tudo junto, mas separado, porque “o” e “com”, dos exemplos, não fazem parte das palavras. Basta inserir outra palavra entre aquelas palavras que geram dúvidas. Vejamos: “o bom moleque”, “com muita pressa”. Eis uma maneira de mostrar que “o” e “com” não pertencem à palavra que lhes seguem e, portanto, na escrita ficam entre espaços em branco, mesmo que na fala não haja pausa que indique as fronteiras entre as palavras. Por meio dessa mesma estratégia, podemos mostrar que após “o” e “com” em “obrigado” e “comprar” nenhuma palavra pode ser inserida e, portanto, essas sílabas devem ser escritas junto com as palavras que lhes seguem.

Valendo-se desses exemplos, constatamos que várias dúvidas ortográficas podem ser resolvidas ao serem considerados os sentidos das palavras no funcionamento do texto. No entanto, como professora tenho encontrado vários dessas grafias em textos de alunos que estão nos anos finais do Ensino Fundamental. Essas grafias, chamadas de erros ortográficos, persistem, ainda, em textos do Ensino Médio e avançam entre os universitários. Nessas etapas de ensino, juntar palavras ou separar uma palavra não convencionalmente passar a ser um dos sintomas de distúrbios específicos da escrita, a disortografia.

A pergunta que fazemos é: por que esses erros ortográficos persistem? Não descartamos que haja estudantes com disortografia que devem ser encaminhados a fonoaudiólogos. Porém, desconfiamos que deve haver alguma motivação na língua(gem) que contribua para a recorrência desses erros. Em busca de respostas, tenho desenvolvido e orientado estudos no IBILCE, câmpus da UNESP, em Rio Preto. As pesquisas mostraram que permanecem, principalmente, erros ortográficos de pares de palavras que, se grafadas juntas ou separadas, mudam os sentidos. Um exemplo pode ser selecionado da dissertação de Fabiana Paranhos: “Ele falou com a gente” x “Ele falou com o agente”. No primeiro caso, “a gente” é uma expressão pronominal que indica a noção gramatical de “primeira pessoa plural”; no segundo caso, “agente” significa “aquilo ou aquele que

age, que produz algum efeito”. Portanto, juntar ou separar sílabas implica em palavras diferentes.

Há outros pares, porém, como “por que” e “porque”, cujos empregos convencionais não são tão evidentes, como mostrou Geovana Soncin em artigo que analisa os usos de “por que/porque” nos textos do ensino fundamental. Por exemplo: “Por que há erros ortográficos?” x “Porque há erros ortográficos”. Para além da diferença indicada pelo sinal de pontuação da sentença, há diferença de sentidos: no segundo caso, mas não no primeiro, “porque” funciona como uma conjunção, isto é, é uma palavra que conjuga duas orações, com o sentido principal de “causa, consequência”.

Outra dissertação, desenvolvida por Lilian da Silva, sobre grafias como “da quela” e “mora-va”, mostrou que, num conjunto de doze alunos analisados, a maioria deles passou os quatro últimos anos do Ensino Fundamental e concluiu essa etapa escolar colocando espaços ou hífen dentro da palavra fora das convenções ortográficas, embora o número de vezes que isso ocorre tenha diminuído em relação ao tipo de palavra e à extensão (dada em função do número de palavras) dos textos escritos. Atualmente, ampliamos o estudo para 117 alunos, buscando confirmar o quanto é frequente e característico haver erros de segmentação de palavras em textos dos alunos do Ensino Fundamental.

Outro resultado que as pesquisas concluídas mostraram é que as palavras que continuaram a ser grafadas com espaços fora das convenções ortográficas foram aquelas que, predominantemente, permitiram a relação entre sílabas pretônicas e sílabas que correspondem a possíveis palavras funcionais, como pronomes (“nos, se”), preposições (“de, com, em”) e artigos (“o, a”). Vejamos o exemplo “na quela”: “na” é uma sílaba pretônica de “naquela”, mas pode corresponder à forma “na” (formada da preposição “em” mais o artigo “a”), que ocorre em “na casa”, por exemplo.

O que esse resultado revela sobre a escrita no ensino fundamental? Dentre outros aspectos, constata-se pouco domínio por parte dos alunos no uso de preposições, artigos e pronomes. Essas palavras têm papel importante na construção dos sentidos das sentenças. O uso de uma ou outra forma assegura um e não outro sentido do que se escreve. Se escrito “sua proposta veio de encontro à minha” significa que não houve concordância entre o que foi dito pelas pessoas. Se escrito “sua proposta veio ao encontro da minha” significa que houve concordância entre as pessoas.

Em resumo, os estudos realizados mostram que os alunos não apenas não sabem ortografia das palavras, mas não se dão conta de que o que escrevem tem sentidos outros que não aqueles que parecem ser os pretendidos/esperados em seus textos. Os estudos confirmam, ainda, que os alunos ancoram sua escrita em características da fala, como esperado no início da alfabetização, e dão indícios de que, ao longo do Ensino Fundamental, os alunos aprendem, mas não dominam plenamente como é transitar pela fala e pela escrita conforme as convenções estabelecidas socialmente.

Luciani Tenani, doutora em Linguística pela UNICAMP e professora de Língua Portuguesa na UNESP.

*Publicado na Coluna *Rio Preto Pensa*, **Diário da Região**, 19/07/2014, p. 4C, São José do Rio Preto.